

PROVA DE MATURIDADE

O DELFIM (1), de José Cardoso Pires

E NVOLTAS em bruma — neste caso, a bruma da lagoa —, as pessoas não se distinguem. Fazem uma viagem solitária, ao lado umas das outras, sem se tocarem. E constroem, sôzinhas, a sua pequena festa. Muitas vezes mortal. Quase sempre trágica.

Personagens e cenário e história

Neste novo romance de José Cardoso Pires, *O Delfim*, as pessoas — as personagens — são Maria das Mercês, Tomás Manuel, a gente da Gafeira e o narrador, que anda à procura deles todos. O cenário é a Gafeira e a lagoa, junto da qual tem casa Tomás Manuel, o marido de Maria das Mercês e senhor da lagoa. A história é uma história de caça; ou, melhor, a história trágica de um amor falhado. Há, mesmo, um triângulo: o terceiro, o criado maneta, o mecânico do «Jaguar» de Tomás Manuel. Maria das Mercês suicida-se na lagoa, o criado aparece morto no tálamo, e Tomás Manuel, o engenheiro, foge. A quê? A evidência da própria destruição, de uma morte de morto-vivo, que o minava e não pode esconder mais.

Tomás Manuel já antes iniciara a fuga, ao refugiar-se na sua propriedade da Gafeira. Desde

ta de si. Rodeia-se da decoração necessária; cães, cavalos, caça, o aparato de um senhor medievo, ferido das concessões inevitáveis, concessões à gente que o ameaça, lá em baixo, na Gafeira, e que despreza e teme — «É o preço do tempo. Para haver «Jaguars» e safaris foi preciso aceitar esta trampa toda.» (p. 155) —, aparato actualizado: «whisky», automóveis, marialvismo. Está só — Maria das Mercês é um ornamento, que se afaz como pode à concepção machista da esposa sequestrada. Nem a dignidade do ani-

mal nobre, que se esconde, para morrer — frágil, inseguro, assustado, segurando-se, como um naufrago, à garrafa do álcool e ao volante do automóvel. No seio do marialvismo, do machismo exibicionista, que procura, freneticamente, convencer-nos da própria virilidade, subjaz uma perigosa raiz de impotência.

Maria das Mercês é uma mulher que morre nova: aos 28 anos. Naturalmente, insatisfeita. Solitária, também. Vive na casa da lagoa a morte dos seus sonhos de menina. Espera. Até quando? Quando deixa de esperar perde a força e a saúde e o desespero a vence, o autor não o diz. Dá-nos, no entanto, esta imagem da Maria das Mercês-menina: «*Se Deus for servido, não-de encontrar-se cadernetas escolares, bordados e fotografias de curso em que Maria das Mercês aparece, ano após ano. Nas primeiras, de laço no cabelo, nas últimas, de saltos altos. (...) Maria das Mercês, não acredito que tenha tido as suas horas místicas. Devoção, estudo, comportamento — média normal. Passou pelo colégio com o à-vontade com que aparece em certa fotografia guardada na casa da lagoa: ao lado da Madre Maternalíssima, raquete de ténis debaixo do braço, pato Donald estampado na blusa; tem lacinhas no cabelo e faz uma careta para disfarçar o riso.*» (pp. 142, 143, 144).

Estereis, até à tragédia, são os dias de Maria das Mercês e Tomás Manuel: «whisky» e caça, para ele, meia dúzia de livros e revistas — *Elle, Horoscope*; e o «tricot», para ela, e, ao fundo, a lagoa. O narrador escreve: «*Quando subo ao quarto da estalagem levo comigo a recordação ameaçadora do engenheiro, debruçado sobre um copo de «whisky» e terrivelmente só, ele que tanto desejou companhia.*» (pp. 242, 243). E, verificando a amplitude do desastre, a solidão, o amor frustrado, a ameaça dos dias dos outros, que vivem e prosperam, na ignorância ou no menosprezo

pelos seus princípios — até ao fim dos fins *tem de acreditar* que se trata de princípios —, Tomás Manuel saúda a lagoa e diz, como se recitasse: «*Bem enterrado no fundo do lodo que é para a miúalha dos peixes não me chegar...*» (p. 66).

(Continua na 11.ª pág.)

Por MANUEL DE SOUSA LOBO

o primeiro momento que parece uma personagem na agonia, incapaz de viver com as pessoas do seu tempo, um tempo que lhe escapa e, de qualquer modo, arranca para diante. Refugia-se na lagoa, junto dos mortos, dos antepassados. Agarra pelos cabelos toda uma «*filosofia da vida*», obsoleta, injustificável, estéril, na esperança de salvaguardar o que lhe res-

(Continuação das págs. centrais)

Quem morre é a mulher e o criado. O engenheiro foge.

Uma investigação conduzida

Antes do mais: da primeira à última página deste romance sentimos a presença de quem o compôs — o extraordinário labor oficial, a luta mantida para que se fixe o quotidiano, para que a expressão se ajuste ao pensamento. E, também, a força de uma prosa que chega a ser exacta — por exemplo, no capítulo XXXI, o penúltimo. E, noutros momentos, quando, de facto, a criação se sobrepõe ao literário, e recapitulamos a lição de João Gaspar Simões, quando a realidade das personagens, a sua verosimilhança e estatura psicológica, a realidade dos ambientes, vencem os limites das linhas e das palavras e se impõem como uma outra realidade-real. Sejamos mais claros: quando a realidade fabulosa narrada pelo autor — de ficção narrativa falamos — nos



«... um escritor maduro, senhor de invejável à-vontade técnico...»

aparece tão real como a realidade quotidiana, de certo modo, até, mais rica de significado.

Depois, há que notar o processo para policial. E aqui fica uma pergunta: qual o motivo por que, ultimamente, a construção dos romances se aproxima, em termos gerais, claro está, da construção dos romances policiais (citaremos *La Dérobée*, de Claude Roy, que acaba de sair)? Será que o romance policial preservou, a meio de um experimentalismo audacioso, estruturas romanescas essenciais e a faculdade, que se não deve menosprezar, de prender a atenção de quem lê?

romance, o autor acumula testemunhos, interroga os factos e interroga-se, procurando reconstituir a tragédia de Tomás Manuel e Maria das Mercês e saber dos motivos e dos fins. A realidade escapa-se, deixa-se prender, parece ambígua, por vezes, outras, inacessível, outras, de uma extrema simplicidade, e, fechado o livro, o que fica ao leitor é a possibilidade e a necessidade de recomeçar ou completar o inquérito, se quiser chegar a conclusões. O que não quer dizer que algumas conclusões não sejam já possíveis — constituem, porém, pontos de partida, decorrentes de uma apreciação subjectiva dos factos. E isso mesmo julgamos a meta de J. C. P.: fazer com que o leitor participe do trabalho do próprio romancista, convidá-lo a assistir ao seu trabalho e a completá-lo. Ao fim e ao cabo, um romance apresenta, sempre, uma interpretação pessoal da realidade que se propõe aos outros homens. Porque subjectiva, falível — e sujeita a subsequentes rectificações. Aí reside a sua riqueza.

Segurança invejável

Se, em dadas passagens, em certos apontamentos, encontramos a assinatura do invulgar prosador que é, indiscutivelmente, J. C. P., capaz de fixar, nos seus livros, a brutalidade das iniquidades sociais e o sofrimento dos humilhados, assim como — e *O Delfim* representa exemplo disso mesmo — a esclerose e agonia de certas classes, ora cruel, ora poéticamente, ora cruel e poéticamente, se a *O Delfim* não falta a preciosa linha unificadora, apanágio de qualquer romance que se preze, acontece que, noutras passagens, noutros apontamentos, o poder criador cede, a prosa quebra, e sentimos demasiado o operário — o escritor. E, então, sentimos demasiado, também, que estamos a ler um livro — já não participamos, emocionados, da substância, lemos, a frio, um livro e admiramos a qualidade literária, a qualidade retórica. Decorrerá isto do processo que assinalámos? Reside, aí, o senão d'*O Delfim*, que não chega, todavia, para anular a qualidade que ele exhibe. Na verdade, só um escritor maduro, senhor de invejável à-vontade técnico, correria os riscos corridos por J. C. P., no seu último romance. E, de qualquer modo, o risco não foi em vão: pelo realismo cruel, tocado, muitas vezes, de rara poesia — e, de novo, sublinhamos a beleza do capítulo XXXI —, pela certeza do corte e equilíbrio, *O Delfim* atinge uma altura invulgar, no panorama da moderna novelística portuguesa.

MANUEL DE SOUSA LOBO